

A diferença da crítica

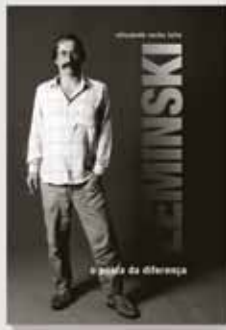
Marcelo Tápia

Elizabeth Leite realiza, no estudo que ora se publica, uma proeza de leitura crítica da obra de um autor que a merece: o “poeta-síntese dos anos 1970”, Paulo Leminski. O trabalho evidencia o ilimitado potencial de cumplicidade da análise interpretativa com a própria criação, ao reinventar sentidos no texto tomado como objeto. Seja quem for o leitor, mesmo que conhecedor de poesia e de teorias da linguagem e leitor de Leminski, descobrirá novidades por meio das associações estabelecidas no estudo de Elizabeth. Em seu entender, a obra leminskiana se constrói como um “campo de testes para uma grande diversidade de procedimentos”: o poeta-teórico se

proporia a “questionar os limites tradicionais da poesia com base em um viés extraliterário”; seu interesse central seria “compreender as relações entre vida, linguagem e pensamento”. Com base nessa constatação, a autora procurará “estabelecer correspondências entre sua escrita e alguns postulados da filosofia da linguagem”.

A principal proposição que Elizabeth faz, e que será a base para sua leitura, é a da existência de “pontos em comum entre a poética do autor e a filosofia da diferença” (ou desconstrução), a teoria pós-estruturalista da década de 1960, protagonizada, na França, por Jacques Derrida e Gilles Deleuze. No dizer de Elizabeth, seria essa uma “visada teórica que permite ressaltar aspectos inéditos da poesia de Leminski”. A óptica de análise também incluirá, como referência, o pensamento de Wittgenstein, ao qual se poderia aproximar a poética estudada (com base, essencialmente, no uso que esta faz de jogos de linguagem), “independentemente de o poeta ter a ele se referido em seus escritos”. A autora levará adiante sua própria experimentação analítica no campo fértil da produção do poeta experimentador, cuja pretensão seria vista, sempre, como “irônica e estratégica”.

O próprio Leminski poderia surpreender-se com algumas das leituras sugeridas pela autora: pontos de vista diversos propiciam descobertas



Leminski: o poeta da diferença
Elizabeth Rocha Leite
Edusp / FAPESP
160 páginas, R\$ 35,00
(preço estimado)

nos textos, que se complementam na expansão do sentido. As explicitações ou conjecturas relativas a aspectos da construção do poema o re-produzem e suscitam novos níveis de entendimento. É proveitosa, por exemplo, a leitura do poema “apagar-me / diluir-me / desmanchar-me / até que depois / de mim / de nós / de tudo / não reste mais / que o charme”, incluída no estudo sob o tópico “poesia, fala, música”. Elizabeth argumenta que, embora viesse a “defender a fala” em conhecidas afirmações suas – corroborando o que Derrida apontaria como “rebaixamento da escrita” e “fonocentrismo”, característicos do

“pensamento formado com base em oposições binárias” –, Leminski “não adere a uma lógica binária da linguagem”: para ele “o negócio da poesia é ficar brincando nas fronteiras”. No poema citado, o poeta teria construído uma “fórmula encantatória, uma espécie de mantra”, para cuja compreensão evocam-se os possíveis significados e o conceito etimológico de *charme* (*carmen*, encantamento).

Em tópico dedicado à “crítica da racionalidade cartesiana”, Elizabeth expõe que, comparavelmente à proposição derridiana de se romperem as “velhas formas de pensamento”, Leminski, no poema “isso sim me assombra e deslumbra / como é que o som penetra na sombra / e a pena sai da penumbra?”, quebra regras da lógica e da gramática ao estabelecer relações etimológicas legítimas e falsas entre os “híbridos mutantes” do poema.

Mesmo quando as premissas são incertas – caso da leitura do verso “a grave advertência dos portões de bronze” como dodecassílabo – as análises de Elizabeth, com base nas referências teóricas expostas com certo poder de síntese, contribuem fortemente para a natural constatação de que Leminski “construiu uma poética diferenciada, que constitui um marco significativo em nossas letras”.

Marcelo Tápia é poeta e tradutor, doutor em teoria literária e literatura comparada pela USP e diretor da Casa Guilherme de Almeida – Centro de Estudos de Tradução Literária.

O eterno escravo da história

Infeliz o país que precisa de heróis e ainda mais infeliz aquele cujos historiadores ajudam a criar esses heróis ou transformá-los em vilões. *Três vezes Zumbi* não se trata de uma biografia de Zumbi, mas bom estudo de caso sobre como a história é “filha do seu tempo”, nas palavras do historiador Jacques Le Goff. Ou seja, por mais que se queira objetiva e documental, na maioria das vezes a história é construção social interessada, uma visão do passado a dar força a ideais do presente.

Zumbi é emblemático porque há raros registros documentais dele, que impediriam uma biografia, mas não interpretações. Na literatura colonial, “zumbi” era título de guerreiros corajosos e não um indivíduo; no século XIX, que queria refazer o país em “civilização”, ele é transmutado em “pessoa”, a oposição exemplar bárbara ao que o Brasil seria e sua coragem foi exaltada para dar maior estatura a seu algoz, um bandeirante; o marxismo do século XX trocou seu protagonismo pelo coletivo simbólico de Palmares, exemplo de “resistência” contra a opressão, razão do nome do grupo VAR-Palmares, do qual participava a presidente Dilma.

Por fim, o movimento gay resolveu entronizá-lo em seu panteão. O diapasão, porém, era o mesmo: ícone de luta contra todo o tipo de repressão. Triste: Zumbi é, de novo, um “escravo”, agora da história, “acorrentado” a ideologias. Nessa “biografia das biografias”, a ironia é ler como muitos dos historiadores questionados, observou Lília Schwarcz numa resenha, foram os primeiros a denunciar o mesmo processo de construção da memória nacional. “Não há história de um homem, herói ou líder, mas a construção da verdade do passado que pactuamos como nacional e criou o que chamamos ‘identidade brasileira’”. Zumbi é consagrado como líder revolucionário, capaz de abalar as bases de sustentação das classes dominantes desde os tempos do Brasil colonial. Logo, não bastam apenas bons historiadores, mas também é preciso leitores atentos que não se curvem ao *status* que se dá às letras impressas num papel, em livros ou jornais.

Carlos Haag



Três vezes Zumbi
Jean Marcel França
e Ricardo Ferreira
Editora Três Estrelas
167 páginas
R\$ 25,00

Fazenda modelo

A fazenda Taperinha é uma espécie de xodó de botânicos, zoólogos e arqueólogos especializados na Amazônia. O interesse vem desde o século XIX, quando foi visitada por naturalistas como Joseph Beal Steere, Charles Hartt, João Barbosa Rodrigues, Herbert Huntingdon Smith e W.A. Schulz, entre muitos outros. No século XX o interesse continuou até anos recentes – em 1993 e 2000 esteve escavando por lá a conhecida arqueóloga norte-americana Anna Roosevelt.

A área de 4.800 hectares localizada a 50 quilômetros de Belém é aparentemente uma fazenda comum. O que tem de diferente é o fato de ser também um campo aberto à investigação científica para brasileiros e estrangeiros. O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), de Belém, publicou *Taperinha: histórico das pesquisas de história natural realizadas em uma fazenda da região de Santarém, no Pará, nos séculos XIX e XX*. Trata-se de exaustivo levantamento dos trabalhos científicos de pesquisadores que frequentaram aquela área, com bonita iconografia, feito pelos zoólogos Nelson Papavero, do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, e William Overal, do MPEG.

Os sambaquis e as espécies vegetais e animais coletadas na fazenda fizeram a alegria dos cientistas, eram sempre bem recebidos pelos primeiros donos, Manuel Antonio Pinto Guimarães, barão de Santarém, e seu sócio, o norte-americano Romulus Rhome. Posteriormente o naturalista suíço Gottfried Haggmann, que trabalhou no MPEG, comprou a propriedade e continuou

a receber e ajudar os interessados em pesquisas. Em comum, todos tinham interesse pela ciência.

Hoje a fazenda Taperinha, com mais de 70% de mata original, ainda pertence à família Haggmann e continua aberta para trabalhos de pesquisa. “Taperinha tornou-se uma localidade muito conhecida na literatura zoológica – cerca de 150 espécies de vários grupos animais têm essa fazenda como localidade-tipo”, escreveu Nilson Gabas Jr. diretor do museu. O livro dá conta de mostrar toda essa diversidade.

Neldson Marcolin



Taperinha
Nelson Papavero
e William Overal
(orgs.)
MPEG
459 páginas,
R\$ 60,00
Informações:
aldeides@
museu-goeldi.br